

**Um aluno surdo, um implante coclear
e uma escola de surdos:
uma história com muitas possibilidades e identidades**

**A deaf student, a cochlear implant
and a school for deaf:
a history with many possibilities and identities**

**Un alumno sordo, un implante coclear
y una escuela de sordos:
una historia con muchas posibilidades e identidades**

Marcele Martinez Cáceres

Prefeitura Municipal de Hulha Negra, Hulha Negra/RS - Brasil

Resumo

Considerando a surdez como uma diferença política e cultural, e a escola de surdos um local privilegiado para a convivência entre os pares, a problematização deste trabalho se dá em torno da presença de um aluno surdo com implante coclear, numa escola de surdos. Nesse sentido, objetiva-se analisar as condições que possibilitaram a inclusão do aluno em uma escola de surdos. Para dar conta desse objetivo, utilizaram-se entrevistas que, neste trabalho, são entendidas como narrativas, sendo elas práticas discursivas. Com o auxílio de autores que transitam pelos campos dos estudos surdos e estudos culturais em educação, foi possível pensar a surdez como uma diferença cultural e linguística e entender quais as implicações pedagógicas e de produção de identidade desse sujeito são colocadas em movimento nesse cenário de inclusão de um surdo com implante coclear.

Palavras-chave: Normalização, Escola de surdos, Implante coclear

Abstract

Considering the deafness as a political and cultural difference, and the school for deaf a privileged place for the coexistence between pairs, this work is questioning the presence of a deaf student with cochlear implant in a school for deaf. In this sense, the objective is to analyze the conditions that made possible the inclusion of this student in a school for deaf. In order to achieve this goal, we used interviews here understood as narratives, as discursive practices. With the help of authors who have passed through the fields of Deaf Studies and Cultural Studies in Education, it was possible to think of deafness as a cultural and linguistic difference. We could also understand the pedagogical and identity

production implications of this subject, which were set in motion in this scenario of inclusion of a deaf student with a cochlear implant.

Keywords: Normalization, School for deaf, Cochlear implant

Resumen

Considerando la sordera como una diferencia política y cultural y la escuela de sordos un lugar privilegiado para la convivencia entre los pares, la problematización de este trabajo se da en torno a la presencia de un alumno sordo con implante coclear en una escuela de sordos. En ese sentido, se objetiva analizar las condiciones que posibilitaron la inclusión del alumno en una escuela de sordos. Para conseguir este objetivo, se utilizan entrevistas que, en este trabajo, son entendidas como narrativas, siendo ellas prácticas discursivas. Con ayuda de autores que transitan por los campos de los Estudios Sordos y Estudios Culturales en Educación, fue posible pensar la sordera como una diferencia cultural y lingüística y entender cuáles son las implicaciones pedagógicas y de producción de identidad de ese sujeto en movimiento en este escenario de inclusión un sordo con implante coclear.

Palabras clave: Normalización, Escuela de sordos, Implante coclear

1. Introdução

Esta pesquisa é o recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado em uma universidade federal e apresentado no ano de 2013.

O TCC foi fruto de uma inquietação causada durante o estágio supervisionado/surdez, realizado em uma escola específica para alunos surdos¹, com uma turma de primeiro e segundo anos do primeiro ciclo do ensino fundamental. Nessa turma, dentre todos os alunos, havia uma criança que possuía implante coclear (IC). Essa vem a ser a inquietação da pesquisa.

De acordo com os estudos culturais e os estudos de surdos, a surdez é vista como uma diferença. Sendo assim, a escola de surdos se torna um local privilegiado para a convivência entre sujeitos surdos usuários de Libras. Nesse sentido, intenta-se, com este trabalho, entender os efeitos da presença de um aluno com implante coclear nesse tipo de escola. Ela se constitui como um local singular, onde os sujeitos surdos podem conviver com seus pares, usando sua língua materna, constituindo, dessa forma, sua identidade surda.

Os sujeitos surdos possuem uma forma particular de perceber e assimilar informações, diferente da maneira com que os ouvintes o fazem. Por

¹ O nome da escola não será divulgado neste trabalho por questões éticas.

serem deficientes auditivos, sua interação com o mundo se dá pela via visual. É por meio da visão, que percebem o mundo e agem sobre ele, da mesma forma que adquirem a língua de sinais, uma língua visual-gestual. Concorda-se com Casarin (2009), quando diz que “entender a educação de surdos requer pensar para além das questões clínicas, audiológicas e de reabilitação, mas construir um conhecimento sobre os surdos que aponte para as questões da diferença, da cultura e da identidade surda” (p.11).

Devido à importância da escola de surdos e da aquisição da Libras para o processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas, é que inquieta a presença de um aluno com implante coclear nesse espaço. Isso porque o implante é constituído por uma noção da surdez como uma deficiência a recuperar, o que não faz parte dos discursos assumidos por essa escola de surdos.

Nesse sentido, busca-se, neste estudo, entender quais significados são produzidos acerca da presença de um surdo com implante coclear no espaço da escola de surdos. Para operacionalizar essa discussão, tem-se como objetivo problematizar como as práticas pedagógicas vêm sendo produzidas para atender a esse sujeito, a partir de outras relações de identidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas, a fim de montar uma base de análise, aqui entendidas como narrativas.

2. Caminho da investigação

A perspectiva teórica que orientou este trabalho foi a dos estudos surdos e estudos culturais. Os estudos surdos têm a constituição dos sujeitos surdos em seu centro e compreendem a surdez como uma diferença. Diferença essa que busca

problematizar a surdez como uma marca que inclui alguns sujeitos e exclui outros, que determina algumas condições de vida e de comunicação e que, principalmente, determina formas de organização de vida em um dado grupo cujas formas de estar e de se relacionar com o outro são compartilhadas. (LOPES, 2007, p. 24)

Os estudos culturais veem os sujeitos como uma invenção, frutos de práticas discursivas. Eles têm como questão central as transformações na

compreensão de cultura. Nesse terreno epistemológico, a cultura não é entendida como herança, mas como algo produzido cotidianamente no interior das relações sociais. Nesse sentido, os estudos surdos tomam dos estudos culturais a noção de cultura, para compreender como os discursos sobre a surdez moldam práticas de constituição desses sujeitos.

Conforme Rezende (2010), o campo dos estudos culturais está ligado às políticas de contestação, lutas e batalhas de vários grupos sociais. Por isso, muitas pesquisas procuram compreender manifestações culturais ancoradas neles, “principalmente aqueles que enfatizam resistências presentes nos povos surdos às práticas ouvintistas” (STROBEL, 2008, p.22 apud PONTIN, 2013, p.76).

As práticas ouvintistas são recorrentes na história dos surdos. Significa, basicamente, os momentos em que eles são expostos a correções para o padrão ouvinte. Como exemplo disso, temos o próprio IC, que procura corrigir a surdez, para que os surdos fiquem o mais próximo do modelo ouvinte possível.

O implante coclear consiste em uma prótese auditiva, com componentes internos e externos, que ativam as terminações nervosas do nervo auditivo. Ele é indicado para pessoas com surdez profunda e que não se beneficiaram de aparelhos auditivos convencionais.

Para dar conta dos objetivos traçados para esta pesquisa, problematizar como as práticas pedagógicas vêm sendo produzidas para atender a esse sujeito, a partir de outras relações de identidade, optei por trabalhar com entrevistas/narrativas como instrumento de produção de dados.

Utilizo-me do conceito de narrativas trazido por Andrade (2012, p. 177), que as vê como “práticas discursivas que agregam um conjunto amplo de expressões e elementos ligados a instituições ou situações sociais específicas”, como é o caso dos discursos trazidos pela mãe e pela professora neste trabalho, que constituem os modos de agir e pensar delas em relação à F².

² Para fins éticos, o aluno com implante coclear, neste trabalho, será nominado F.

Foram realizadas duas entrevistas: uma com a mãe de F., que é o aluno que possui implante coclear, e a outra, com a sua professora. Ambas foram gravadas e, para melhor análise, posteriormente, transcritas.

As questões que foram elaboradas pretendiam garimpar dados que me permitissem problematizar meu objetivo de pesquisa. Quando pergunto, por exemplo, para a mãe, o porquê da colocação do IC e, posteriormente, a justificativa de F. estar estudando em uma escola de surdos, pretendo tentar entender o que motiva uma família a optar pela reabilitação de um filho e, mais tarde, inseri-lo numa cultura surda.

O caminho metodológico proposto não é novo; é inclusive recorrente a utilização de entrevistas nas pesquisas em educação. Porém, neste trabalho, trago as entrevistas como narrativas. Por meio delas, é possível analisar as significações que os sujeitos atribuem, tanto à sua vida pessoal, no caso da mãe, quanto à sua prática pedagógica, no caso da professora.

A partir da história de vida de F - reconstruída a partir das narrativas -, a mãe consegue resgatar fatos marcantes na sua vida, histórias de luta e, para ela, de conquistas. Conforme Andrade (2012, p. 175), “Utilizar as palavras para nomear o que somos, nossas experiências, o que fazemos, pensamos, como vivemos, até o que sentimos, não é mero palavratório”.

As entrevistas não me permitem dizer a verdade sobre os fatos, até porque, não busco uma suposta verdade, mas como ela é produzida. Considero-as instrumentos que, somadas aos teóricos estudados, me fazem pensar, problematizar e tentar responder o meu problema de pesquisa. Por isso, a cautela na preparação das questões. Precisei elaborar com calma, visando aos meus objetivos.

As histórias que foram narradas não são dados prontos ou acabados, mas “documentos produzidos na cultura por meio da linguagem” (ANDRADE, 2012, p. 176). Documentos esses, que podem adquirir diferentes significados, dependendo do referencial teórico utilizado, época e cultura. Por isso, coube a mim realizar as entrevistas, ouvir as narrativas, estudar os pensadores dos estudos surdos e estudos culturais para, então,

entender/questionar/problematizar os significados colocados em operação por essas narrativas.

Nesse sentido, num primeiro momento como pesquisadora, não me detive à escuta das entrevistas, mas, sim, escutei pelo prazer da própria escuta, para poder retomar o momento da entrevista e “enxergar” os detalhes contidos naquele ambiente em que foram realizadas. Ao mesmo tempo, não excluí a minha vida de acadêmica e pesquisadora desse contexto, ela esteve a todo momento enredada pelo hábito incessante da leitura dos materiais que subsidiaram este trabalho.

3. Implante Coclear como estratégia de normalização do sujeito surdo

“Na sociedade moderna e, então, normativa, tudo o que é externo, tudo o que está fora do lugar incomoda, daí a necessidade constante de estar ordenando e normalizando” (LUNARDI, 2003, p. 187). Com a citação acima, pretende-se abordar a questão da normalização dos sujeitos, o que é um empreendimento e uma meta da sociedade moderna. Nesse contexto, têm sido feitos investimentos para que os surdos se aproximem dos ouvintes, tais como as técnicas de oralização, o uso de aparelhos auditivos e, mais recentemente, o implante coclear.

Na Antiguidade, as pessoas com deficiência eram abandonadas, eliminadas ou sacrificadas, pois a perfeição do corpo era venerada, e as pessoas com deficiência fugiam desse padrão. Na Idade Média, período no qual as pessoas eram vistas como a imagem e semelhança de Deus, aqueles que nasciam diferentes eram associadas ao demônio e, conseqüentemente, vítimas de descaso e marginalização.

No contexto da Modernidade, os sujeitos surdos, inseridos nos discursos da anormalidade, sempre foram submetidos a um conjunto de técnicas com objetivo de curá-los, portanto, de normalizá-los. Para tanto, passaram por diversas experiências clínicas. Nessas experiências, destaca-se o médico

francês Jean-Marie Gaspard Itard³, por suas pesquisas entre medicina e educação. No início, seus estudos se pautavam na cura da surdez e, posteriormente, na aquisição da fala.

Nesse enredo, produziu-se a pedagogia corretiva, com o objetivo de que os surdos falassem e fizessem leitura labial. Em 1755, foi fundado o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, primeira escola voltada ao ensino de surdos, que trabalhava com regime de internato, e era o local onde os surdos tinham direito à educação.

Em 1855, E. Huet, professor francês, encaminhou ao imperador D. Pedro II um relatório no qual planejava a criação de um estabelecimento para surdos no Brasil. Em 1857, finalmente, foi fundado o Instituto Nacional de Surdos Mudos, existente até hoje, porém, conhecido atualmente por Instituto Nacional de Educação de Surdos - Ines, no Rio de Janeiro.

Mais tarde, em 1880, aconteceu, na Itália, o Congresso Internacional de Surdos, mais conhecido como o Congresso de Milão. Nesse encontro, foi discutido o método de ensino para surdos, porém, os professores surdos foram excluídos da votação, vencendo, assim, o método oralista e a proibição da língua de sinais nas escolas.

O oralismo, metodologia que visava ao ensino da fala aos surdos, está relacionado com um déficit biológico, uma patologia, com a surdez do ouvido, e se constituiu com a intenção de reparar esse déficit. Dessa forma, era negado todo e qualquer uso da língua de sinais pelos surdos. Sobre a constituição desse método, Perlin (2005) esclarece que

Constitui-se como um espaço de normalização e ouvintização do surdo. Normalização, no sentido de que o surdo era deficiente da fala e, ouvintização no sentido de que vigorava o modelo ouvinte proposto ao surdo, como modelo de normalidade. (p. 09)

A proposta oralista se fundamenta na recuperação da pessoa surda. Baseado nisso, nessa tentativa de normalizar o sujeito, fica o questionamento: será que, a partir desse método, já não teríamos um cenário montado para que

³ Jean Marc-Gaspard Itard (1774-1838) - médico e psiquiatra francês. É considerado o “Pai da Educação Especial”, graças a sua experiência com Victor de Aveyron. A história da educabilidade do menino selvagem encontra-se nos relatórios publicados por ele.

o implante se constituísse em mais uma das práticas de normalização do sujeito surdo?

Em 1960, nos Estados Unidos, foi publicado um estudo sobre a American Sign Language - ALS. Ele mostra a equivalência entre a ASL e a língua oral. Em meio a tudo isso, o oralismo perdeu um pouco sua força, entrando em cena a comunicação total, uma combinação de gestos, língua de sinais e oralismo. Nesse método de ensino, também preponderava a visão clínica, já que a oralização continuava presente.

De acordo com as falas, tanto da professora, quanto da mãe, fica a dúvida se a comunicação utilizada por F. não recai sobre o método da comunicação total. A professora, quando questionada sobre a forma com que se comunicava com o aluno em sala de aula, respondeu: *“Só por sinais e por gestos (...) A mãe relata que ele faz a oralização de algumas palavras. Eu não tive a oportunidade de ver ele oralizar aqui”*⁴. Já a mãe, quando lhe fiz o mesmo questionamento, respondeu: *“Ele usa os dois. (...) eu vou puxando a fala e, aqui na escola, ele vai aprendendo Libras”*.

É possível pensar que, pela fala das entrevistadas, pode-se perceber que as características da comunicação de F. vêm ao encontro da comunicação total. Sobre ela, e contribuindo para a discussão, um posicionamento de Perlin (2005), que afirma que, “como o próprio nome já diz, não importa o meio para se atingir o fim” (p.12) Pelo que foi possível observar com as entrevistas, é exatamente isso que acontece com F.

Uma das vitórias mais significativas para a comunidade surda aconteceu em 2002, com a aprovação da Lei 10.436, que oficializou a Língua de Sinais, reconhecendo-a como meio de comunicação e expressão. A partir de então, o bilinguismo passou a ser a nova proposta, pois pressupõe o ensino da Libras como primeira língua e a língua oficial do seu país, na modalidade escrita, como segunda língua. Conforme Casarin (2009) “(...) a educação bilíngue é a forma mais legítima de demonstrar as condições socioantropológicas, linguísticas, culturais das comunidades surdas” (p.17).

⁴ As narrativas dos sujeitos de pesquisa são trazidas, neste trabalho, através do uso de itálico.

Essa abordagem não se centra apenas na escola, mas também na família, pois é necessária a utilização da Libras pelos demais familiares para que, também em casa, haja comunicação em Libras, principalmente, quando a criança está em processo de aquisição da língua. Goldfeld, (1997) enfatiza que

É sabido que mais de 90% dos surdos têm famílias ouvintes. Para que a criança tenha sucesso na aquisição da língua de sinais, é necessário que a família também aprenda essa língua, para que, assim, a criança possa utilizá-la para se comunicar em casa. (p.40)

A partir dos relatos da mãe durante a entrevista, ficou notável que, em casa, não há essa preocupação. Embora a família aposte na educação de F. baseada numa escola de surdos, onde o bilinguismo é a prática norteadora da escola, em casa, as atitudes acabam sendo diferentes.

A história dos surdos é marcada por lutas pela valorização e pelo reconhecimento de sua cultura e da sua língua, lutas de resistência às práticas de normalização. A norma, não na sua negatividade - na repressão, na proibição -, mas na sua positividade - identificação, classificação, categorização, hierarquização etc., produz a normalidade, a anormalidade e as curvas dessa relação. O processo de normalização funciona nesse jogo entre o normal (o ouvinte), o anormal (o surdo) e as diferentes curvas de normalidade (as questões entre o implante coclear e a Língua Brasileira de Sinais, por exemplo). A norma e o processo de normalização produzem, então, o sujeito surdo citado neste parágrafo.

Em paralelo a essas lutas, as tentativas de normalização dos sujeitos surdos continuaram ao longo dos anos, haja vista o investimento na protetização, por meio dos aparelhos auditivos, e nas terapias de fala. Alguns surdos acabaram (e ainda acabam) aderindo ao uso do aparelho, por acreditar, no início, que é a melhor opção. Devido a essas adesões, os programas governamentais em prol da inclusão dos alunos surdos na escola regular estão investindo, cada vez mais, na saúde auditiva. Prova disso é que foi criado o implante coclear, e o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza, gratuitamente, a sua colocação.

No bojo desses programas, há a recorrência discursiva de que a surdez é uma deficiência, que precisa ser curada e, para isso acontecer, potencializam-se diferentes métodos. Um deles é o IC, tema central deste estudo. Dessa forma, produzem-se discursos de que o sujeito é curado por meio do IC, e que sua inserção na sociedade ouvinte está garantida.

O implante coclear é um aparelho eletrônico, de alta tecnologia, que vem sendo utilizado, ao longo dos anos, para reparar a surdez naquelas pessoas em que o aparelho convencional não repara. Ele é composto de uma unidade interna, implantada, através de uma cirurgia, dentro do ouvido do paciente. Nessa unidade, há uma antena interna, um receptor e um cabo com múltiplos eletrodos. A parte externa se constitui por um microfone, um processador de fala e uma antena transmissora.

De acordo com relatos da mãe, a procura por um médico se deu após ela perceber que chamava F. e ele não respondia; ela o puxava pela blusa e ele se assustava. Então, realizaram alguns exames e foi constatada surdez profunda nos dois ouvidos. Nessa ocasião, o próprio médico sugeriu a colocação do IC, porém, antes, fizeram testes com aparelhos convencionais. Como os aparelhos não surtiram efeito, a mãe optou pela colocação do IC.

Então, em 2011, F. passou pelo processo cirúrgico para colocação do IC no Hospital de Clínicas, em Porto Alegre. A cirurgia durou em torno de seis horas, ele recebeu anestesia geral e ficou entubado, mas o processo ocorreu de forma tranquila, sem possíveis alterações. Atualmente, F. retorna ao Hospital de Clínicas para consultas de revisão e, às vezes, necessita fazer audiometria⁵. Assim, nota-se que o primeiro investimento da família foi, sem dúvida, no IC, embora, depois, tenham apostado, também, numa Escola de Surdos, por sentirem necessidade de se comunicar com F.

A mãe relata que o recebimento da notícia da surdez, para ela, foi muito dolorido:

Ah, meu mundo caiu, caiu, assim (...) O médico disse, olha mãe, eu não sei nem como te dar a notícia, mas teu filho, ele perdeu a audição em grau profundo dos dois lados (...) aí, foi uma tristeza (...), mas foi muito triste, uma coisa, assim, que eu não desejo pra ninguém. Ele é sadio, graças a Deus, eu

⁵ Audiometria é um exame que avalia a audição das pessoas, quantificando-a em grau e tipo.

botei na minha cabeça, ele é sadio, ele é normal, agora ele tá ouvindo, ele tá se comunicando, então, agora, eu tô aliviada, mas, antes assim, eu achava que não tinha, não tinha, o que vai ser do meu filho, não vai ouvir, não vai falar (...) foi triste, mas agora, eu agradeço por ele ter feito implante e por estar aqui na escola também, tô bem feliz, assim, mas no momento, na hora, ali da notícia, foi horrível.

Mais uma vez, percebe-se, de acordo com a fala da mãe, a necessidade de normalização do sujeito. Para ela, o implante coclear permite uma sensação de normalidade. Parece que, em alguns momentos, para ela, se F. não colocasse o implante, não conseguiria viver, progredir, estudar, enfim, levar uma vida “normal”⁶.

Costa (2008 apud REZENDE, 2010, p. 99) diz que a família, assim que recebe o diagnóstico da surdez, passa pelo “estágio fúnebre da morte do filho perfeito e lança mão de todas as parafernalias possíveis para que o filho se aproxime do padrão” Dessa forma, a mãe de F. luta, bravamente, num primeiro momento, para inserir seu filho na normalidade ouvinte. Sente-se, mais uma vez, a necessidade de que o filho oralize, quando ela diz que: *“Coisas que eu achava que jamais ia ouvir meu filho falando. 'Mãe' foi uma coisa que eu esperei bastante, aí eu cheguei a chorar no primeiro dia, porque, é, tu fica esperando, esperando aquilo ali acontecer, e aí foi bem emocionante”*.

É possível perceber que são os discursos da surdez produzidos pelo modelo clínico-terapêutico, que balizam as discussões a acerca do implante coclear. Para a colocação do implante, é necessário passar por um processo cirúrgico. É instigante, quando acontece com crianças, de se pensar por que os pais deixam as crianças pequenas serem submetidas a esse tipo de cirurgia? Apenas para normalizar esse corpo? Na entrevista realizada com a mãe, percebe-se o quanto o IC é um processo complicado e arriscado, mas que vale a pena pela necessidade da normalização desse sujeito. Quando ela diz, por exemplo, *“fazer é um risco que tu corre, né, pra que ele possa ter o benefício do implante”*. Assume-se, aqui, que, apesar do risco, há a necessidade da normalização.

⁶ O termo normal é utilizado para definir uma vida ouvinte pois, de acordo com alguns relatos da mãe, é isso que, num primeiro momento, parece que ela gostaria para o filho.

Pontin (2013) compara a criança surda a um copo vazio, no qual cada um quer colocar o líquido que melhor lhe convém. Para os pais ouvintes, nesse caso, o que satisfaz é a normalização, então o “líquido” a ser posto no copo seria o IC. Nessa situação, a relação de poder que os pais exercem sobre o filho predomina, dando a eles o direito da decisão. O surdo só poderá optar pelo que for melhor para ele, após crescer e ser apresentado a outras oportunidades.

4. Condições que possibilitaram a inclusão do aluno em uma escola de surdos

O ingresso de F. na escola se deu devido a uma tentativa de inclusão malsucedida numa escola regular. Como nessa escola regular, não havia intérprete, nem os professores, nem F. sabiam Libras e ele não oralizava, sugeriram à mãe levá-lo à Escola de Surdos.

Aqui, convém perguntar: apesar do implante, a escola comum ainda não se sente preparada para ensinar a um aluno surdo? Então, qual é a utilidade do implante, se o aluno precisou recorrer a uma escola de surdos? Podemos concluir que, apesar dos esforços, o IC não torna o surdo um ouvinte. A normalização total, provavelmente, é uma meta inatingível.

Na escola regular, os professores alegam que não estão preparados, justificando que não sabem Libras e, portanto, não têm como se comunicar com o sujeito surdo. Na escola de surdos, a educação é bilíngue, portanto, a comunicação se dá, obrigatoriamente, em Libras como primeira língua. Quando um aluno com IC chega a uma escola de surdos, imagina-se que ele precisa de uma educação baseada no modelo oralista, já que se optou pelo IC. Então, aqui temos uma dissonância entre as duas escolas: a regular e a de surdos.

Até então, a mãe não tinha conhecimento de como funcionava a escola, mas resolveu matriculá-lo. Quando perguntei se ela tinha conhecimento sobre a escola, me respondeu: *“Eu não tinha certeza que era uma escola normal, eu pensava que fosse uma creche”*. Percebe-se, na fala da mãe, a ideia que algumas pessoas têm do que vem a ser a escola de surdos. Nesse

caso específico, após conhecer a escola e, provavelmente, pelo fato de não ter outra opção, resolveu matricular F.

Em 2013, por ter sido o ano de ingresso do aluno na escola, ele estava em adaptação, portanto, a mãe o acompanhava diariamente e ficava no mesmo espaço que ele, fosse na sala de aula, no refeitório ou no pátio, durante o recreio. No dia da realização da entrevista com a mãe, eu cheguei à escola enquanto os alunos estavam no recreio e, depois, foram à aula de educação física - momento, então, em que realizei a entrevista. Durante todo o tempo em que estive na escola, F. foi várias vezes até a mãe. Inclusive, precisei realizar a entrevista no pátio, para que ela ficasse no campo de visão do filho. Essa situação vem ao encontro, tanto do que a professora relata, quanto a própria mãe, sobre a adaptação dele.

A professora, inclusive, admite que essa situação esteja se prolongando, quando diz, por exemplo,

eu acho, assim, que normalmente a gente tem que dar um tempo pra eles, só que o tempo dele tá se prolongando nesse sentido. Só que, no início, a gente percebia muito medo, muita coisa assim ... que eu acho que tem relações com o tempo de hospitalização, com as visitas que ele faz ao hospital ainda, eu acho que é inevitável que ele não traga coisas desse afastamento que ele teve, de uma forma até forçada, nessa cirurgia, que ficou hospitalizado e tal.

Ela relata que, no início, foi difícil e que, hoje, já está um pouco mais adaptado, mas, de qualquer forma, ainda chora se a mãe sai de perto dele. Ao mesmo tempo, parece-me que ela tenta justificar o fato de F. não estar totalmente adaptado, quando diz: *“Eu acho que tem o tempo dele, assim, se fosse uma outra criança que não tivesse passado por cirurgia, de repente, acho que seria um pouquinho melhor ou mais fácil isso. (...) A gente acaba dando esse tempo maior pra ele em função desse processo”*.

Questiono o porquê dessa insegurança de F. permanecer na escola sem a presença da mãe. Será que ele se percebe com algum traço diferente dos demais colegas? E por perceber essa diferença, se apoia na mãe? E se a inclusão dele numa escola regular tivesse tido sucesso, ele teria essa mesma insegurança? São questões importantes a serem pensadas, visto que o aluno está indo para o segundo ano na escola e é totalmente dependente da mãe.

Excluindo esse fato, F. se comporta naturalmente na escola, interage com os colegas e, apesar de suas faltas, apresentou um grande avanço em termos de aprendizagem e de aquisição da língua, do início do ano até agora. De acordo com a professora,

A questão da aprendizagem, eu vejo o F. muito bem pelo pouco que ele frequenta; continua com muita falta. (...) em termos de aprendizagem, olha, ele tem uma mudança gritante do início do ano até agora. (...) Ele conversa, ele tá fazendo conversação em libras. E assim ó, de uma forma mais informal com os colegas, ele demonstra muito mais, porque ele consegue fluir um assunto.

A busca pela inclusão numa escola de surdos se deu devido à dificuldade de comunicação de F. com as demais pessoas, até mesmo com a própria família. Embora a aposta no implante fosse grande, F. não passaria a falar de uma hora para outra; precisaria de um investimento maior nesse processo de aquisição da fala. Ele começou um tratamento com fonoaudióloga, mas a mãe precisou optar entre a fonoaudióloga e a escola, dando preferência à última.

Embora o IC seja uma forma de normalizar o sujeito, a família, após conhecer o trabalho da escola de surdos, também apostou numa educação bilíngue. Parece-me um pouco contraditório e percebo isso na fala da mãe, em vários momentos. Um deles é quando diz:

Eu pretendo, né, que ele, se der pra ele atingir os dois lados, que seja os dois lados, ele siga estudando aqui na escola, foi muito bom pra ele, eu achei, a família achou que tá sendo muito bom pra ele, pra que ele seja alguém na vida (...) tanto libras quanto português, mas eu tô aqui lutando pra que ele consiga os dois.

Percebo, a partir da fala da mãe, que, após conhecer o trabalho realizado na escola, que a representação que ela tem acerca da surdez e da própria escola de surdos se transformou. Num primeiro momento, quando a mãe diz que “(...) *ele é normal, agora ele tá ouvindo, ele tá se comunicando, então agora, eu tô aliviada, mas antes, assim, eu achava que não tinha, não tinha, o que que vai ser do meu filho, não vai ouvir, não vai falar (...)*” ou, num segundo momento, quando pergunto sobre o início do processo da fala e ela me responde: “*é um, olha tem um ano e pouco que ele tá assim (...)* agora

‘recém’ vai fechar dois anos do implante, então foram quatro anos perdidos da vidinha dele de fala, de tudo, né.”

Posso concluir que ela entendia o sujeito surdo como um sujeito que não fala, não ouve e não se comunica. Sendo assim, sem essas aptidões, seu filho não poderia ter um futuro promissor, com estudo e carreira profissional. Após o ingresso de F. na escola, ela relata que *“Não imaginava, né, que tinha escola que pudesse preparar as crianças pra vida da forma que eles estão preparando”*. Também fala de sua satisfação, dizendo *“Eu trouxe ele e tô muito feliz por ele tá aqui”*. Entendo, pelo discurso dela, que sua representação acerca da escola e da surdez do próprio filho se modificou.

Quanto à prática pedagógica da professora, de acordo com seus relatos, houve uma tentativa de oralização que não surtiu efeito. Parece-me que ela tentou oralizar e, ao mesmo tempo, se utilizar da Libras na comunicação, talvez para dar a F. as duas oportunidades.

Eu, às vezes, até tento oralizar com ele, mas eu acabo, eu tenho uma dificuldade imensa de oralizar e sinalizar ao mesmo tempo e eu, às vezes, tento, mas ele não me dá um retorno, assim, ó, tipo, ele me olha, que ele demonstra que ele escutou alguma coisa, mas não que ele entenda minha oralização. Se eu disser: “F. pega a caneta”, ele sabe que eu falei com ele, ele me dá um olhar como resposta que eu falei com ele, mas ele não sabe que é pra ele pegar a caneta. Quer dizer: ele não consegue ter o registro do significado ainda, disso. Pode ser que, com o tempo, ele tenha, com o trabalho de fono, a gente não sabe, né. Não se sabe qual é a aposta que ele vai querer.

Fica muito evidente, pela fala da professora, que F., possivelmente, possui um resquício auditivo, mas não quer se utilizar dele na escola. Penso que, para ele, a escola é o local em que se utiliza Libras, e ele já sabe disso. É o lugar onde ele convive com seus pares surdos e, quando não são surdos, como é o caso da professora, utilizam-se da Libras na comunicação. Diferente da situação em casa, onde a família se adapta para ele entender o que querem dizer, sendo por gestos, falas ou sinais. A professora também comentou que percebe a identificação de F. com a surdez, em momentos em que ele precisa conversar com um surdo na escola, por exemplo. Segundo ela, a sinalização é diferente. Com a professora que trabalha SignWriting⁷, professora surda, F.

⁷ SignWriting é um sistema de escrita da língua de sinais.

sinaliza com muito mais concentração do que com a professora regente, que é ouvinte.

Ela relata que o trabalho pedagógico não sofreu alterações com a chegada de um aluno com IC:

Pra mim, não mudou nada, tanto é que eu cheguei e disse assim: “tem um aluno do primeiro ano, como é que vão abrir uma turma de primeiro ano? Pode dar pra mim que eu faço uma turma multiseriada”, porque eu gosto muito desse momento de aquisição, do início, sabe, pra mim, é, eu gosto muito de trabalhar com criança nessa etapa. (...) A minha preocupação no momento foi cuidados em relação à queda, porque a gente não sabia que aluno era, se recém, era pós cirúrgico ou não, essas coisas.

Percebe-se, ao longo das narrativas da professora, que a escola, por apostar numa educação bilíngue, não faz diferenciação entre aluno com implante e aluno surdo sem implante. A própria professora, quando diz que tentou uma oralização com esse aluno que possui IC, menciona que essa oralização não surtiu efeito e agora se utiliza apenas de Libras. Demonstra que, para ela, todos os alunos são surdos e usuários de Libras. Destaca a aproximação que tem com a mãe de F., inclusive para aquisição de sinais, pois a mãe aprende muitos sinais em sala de aula com a professora. Conclui-se, portanto, que a aposta da escola é que F. aprenda Libras e se comunique através dessa língua, enquanto a aposta da família, no momento, parece ser os dois - IC e Libras - como a própria mãe relata.

É necessário salientar a importância dessa aproximação da mãe com a professora, principalmente, nesse momento de adaptação, e por F. ainda não ter dominado completamente a língua. Acredito que essa troca de informações entre as duas só tem a beneficiar o próprio filho/aluno. Especialmente, pela demora da adaptação dele, acabou se estabelecendo uma relação sólida entre as duas. Mesmo quando F. começar a ficar sozinho em sala de aula, provavelmente, irá permanecer. Essa escola prima muito por essa relação família-escola, e, quando isso acontece de forma satisfatória, ambos os lados só têm a ganhar.

5. Considerações finais

No decorrer da pesquisa, tratei a normalização do sujeito surdo. Normalização essa, que ocorre de várias formas. Neste estudo, dei enfoque ao implante coclear e, mais especificamente, ao meu sujeito de pesquisa. Percebi que, de acordo com relatos da mãe, a tentativa pioneira da família foi a normalização desse corpo surdo. Num primeiro momento, parece-me que a mãe não aceitou a surdez do filho, mudando, posteriormente, seu discurso, após conhecer a escola e o trabalho comprometido que eles têm com a aprendizagem dos alunos.

Dediquei-me a olhar para a presença do aluno surdo com implante na escola de surdos. Problematizei algumas questões importantes que apareceram nas narrativas, como, por exemplo, como ocorre a inclusão desse aluno na escola. A transcrição das narrativas foi, para mim, uma aprendizagem ímpar. Compreendi, com as transcrições, que não reconstruímos o que foi dito, do mesmo modo como foi dito. Isso porque, ao se tornar público, o discurso já não faz parte mais apenas de quem falou, podendo, inclusive, ser reinventado pela pesquisadora. Conforme Andrade (2012, p. 187) “(...) ao se transcrever uma narrativa, aprisionam-se e retiram-se outros sentidos que a fala pode ter colocado”.

Comparando o desenvolvimento linguístico do aluno em casa e na escola, percebe-se, de acordo com as narrativas, que F. se adapta ao ambiente no que diz respeito à comunicação. Em casa, utiliza-se de elementos da comunicação total, oralizando, utilizando gestos e, por vezes, sinais. De acordo com Lopes (2007, p. 63) “A comunicação total era vista como uma forma mais aberta e flexível de comunicação surda (...)”, porque permitia vários meios para se estabelecer a comunicação, como gestos, sinais, enfim, o que fosse necessário. Devido à comunicação de F. se dar dessa forma em casa, é que concluí que sua comunicação com a família vem ao encontro das características da comunicação total.

Na escola, o que predomina é o uso de Libras. Tanto que a professora regente nunca teve a oportunidade de vê-lo oralizando. Dentre as conclusões que posso retirar deste estudo, uma delas é que F. se adapta ao ambiente para

se comunicar. É como se suas identidades mudassem de acordo com a necessidade, ou seja, ora tem uma identidade ouvinte, ora uma identidade surda. Falo em necessidade, pois, por exemplo, em casa ou com os amigos e conhecidos que não sabem Libras, ele precisa se utilizar de outros meios para se comunicar.

Outra conclusão que acredito ser importante destacar é a imersão total de F. na cultura surda. Ele apresenta muito mais características de um sujeito surdo do que um sujeito ouvinte - que é (ou era) o que a família busca(va). Cito como exemplos dessas características, a própria utilização da Libras, tanto na escola quanto na família.

A mãe comentou, durante a entrevista, que, às vezes, ele tenta se comunicar em Libras em casa, mas as demais pessoas não sabem. Então, ele acaba utilizando-se de gestos. A própria aproximação ou a importância que ele dá ao se comunicar com sujeitos surdos mostra a identificação dele com seus pares surdos. Dessa forma, percebe-se o quanto o aluno sente a necessidade de aproximação com os artefatos da cultura surda, capazes de posicioná-lo naquilo que os estudos surdos chamam de “identidade surda”.

Embora a mãe não tenha buscado matrícula na escola de surdos para que ele se aproximasse da cultura surda ou por se preocupar com que ele adquirisse uma identidade surda, isso, pelo que parece, é o que está acontecendo uma aproximação de F. à cultura surda.

Como já mencionado no trabalho, inicialmente, ela procurou uma escola regular e, por falta de opções, acabou tendo que matriculá-lo numa escola de surdos. Essa escola de surdos, por um período, que parece ter sido curto, tentou adaptar-se à F, pois a professora tentou oralizar com ele. Como não teve sucesso, continuou seu trabalho baseado na Libras e numa incessante busca pela ampliação do vocabulário em língua de sinais pelo aluno.

A questão de F. ignorar o som que, possivelmente, ouve, demonstra, pela minha análise, que esse som não interfere para ele; é como se não fizesse diferença ouvir, pelo menos na escola é assim que acontece. Já em casa, como mencionei anteriormente, ele precisa achar meios para se comunicar, por isso, deve se utilizar da oralização e, aí sim, talvez tentar utilizar o que ouve.

Retomo aqui meus objetivos, para que o leitor perceba o quanto consegui problematizar de cada um deles. Lembro que o problema de pesquisa era entender quais significados são produzidos acerca da presença de um surdo com implante coclear no espaço da escola de surdos. Para operacionalizar a discussão, trouxe, ao longo do trabalho, o objetivo de analisar as condições que possibilitaram a inclusão do aluno com IC em uma escola de surdos.

Percebe-se que as questões acerca do implante coclear são muitas. Infelizmente, num pequeno Trabalho de Conclusão de Curso, não foi possível abarcar todas, tampouco tive a pretensão de fazê-las. Por um lado, isso é bom, pois se pressupõe a necessidade de continuarmos a pensar sobre essas questões. É nesse sentido, que finalizo este trabalho com a vontade de continuar pensando, de investir num futuro trabalho de pesquisa, que envolva o campo da educação de surdos e o implante coclear.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. *Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- CASARIN, Melania de Melo. *Educação de surdos: comunidade, intérprete e instrutores de língua de sinais*. In: Curso de Especialização a distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: módulo II. Santa Maria, 2009.
- GRUPO de implante coclear do hospital das clínicas e Fmusp. Disponível em: <<http://www.implantecoclear.org.br/textos.asp?id=5>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- IMPLANTE Coclear site oficial. Disponível em: <<http://www.implantecoclear.com.br/index.php?pagina=oqueeee>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- LOPES, Maura Corcini. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LUNARDI, Marcia Lise. *A produção da anormalidade surda nos discursos da educação especial*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Ufrgs, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gladis T. T. *Alternativas metodológicas para o aluno surdo*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitora de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a distância em Educação Especial, 2005.

PONTIN, Bianca Ribeiro. *Discursos sobre a surdez, os surdos e o implante coclear: análise do manual de informações para os pais de crianças surdas candidatas ao implante*. 2013. TCC (Especialização em Estudos Culturais e Currículos Contemporâneos) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REZENDE, Patricia Luiza Ferreira. *Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação - uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II. Outros modos de pensar fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p.117-138.